



TERRITORIALIDADES DO RACISMO: UMA LEITURA DA OBRA “QUARTO DE DESPEJO”, DE CAROLINA MARIA DE JESUS

Douglas Vitto ¹
Crispina de Jesus Santos ²
Jamille da Silva Lima-Payayá ³

RESUMO

A obra “Quarto de Despejo” da Carolina Maria de Jesus, escrita em 1955 e publicada em 1960, continua sendo referência na literatura brasileira. Um diário carregado de experiências cotidianas na favela do Canindé, em São Paulo, atravessadas por tensionamentos raciais expressos em sua escrita singular. Por meio da leitura desta obra, nosso objetivo é problematizar as territorialidades do racismo, em sua constituição fenomênica. Como resultados, vislumbra-se um fazer científico aberto para as experiências junto aos territórios criminalizados e racializados. Conclui-se que as experiências cotidianas tecidas em texto literário permitem abalos no fazer geográfico pautado na reprodução das desigualdades oriundas do processo de colonização, impressas nas paisagens urbanas das grandes cidades e nos corpos-casas vulnerabilizados pelos escombros do processo civilizatório-urbanizador.

Palavras-chave: Territorialidade. Lugar. Racismo. Colonização. Experiência.

RESUMEN

La obra 'Cuarto de Despejo' de Carolina María de Jesús, escrita en 1955 y publicada en 1960, sigue siendo una referencia en la literatura brasileña. Un diario lleno de experiencias cotidianas en la favela Canindé, en São Paulo, atravesadas por tensiones raciales expresadas en la escritura única del autor. Al leer este trabajo, pretendemos problematizar las territorialidades del racismo, en su constitución fenoménica. La metodología consiste en una lectura buscando comprender cómo la narrativa expresa las territorialidades del racismo. Como resultados, visualizamos una práctica científica abierta a experiencias en territorios criminalizados y racializados. Se concluye que las experiencias cotidianas tejidas en el texto literario permiten choques en la práctica geográfica a partir de la reproducción de las desigualdades derivadas del proceso de colonización, impresas en los paisajes urbanos de las grandes ciudades y en los cuerpos-casas vulnerables por los escombros del proceso civilizador-urbanizador.

Palabras clave: Territorialidad. Lugar. Racismo. Colonización. Experiencia.

ABSTRACT

The work ‘Quarto de Despejo’ by Carolina Maria de Jesus, written in 1955 and published in 1960, has still been a reference in Brazilian literature. A diary full of everyday experiences in the favela Canindé, in São Paulo, crossed by racial tensions expressed in the author’s unique writing. By reading this work, we aim to problematize the territorialities of racism, in its phenomenal constitution. The methodology consists of reading seeking to understand how the narrative expresses the territorialities of racism. As the results, we envision scientific practice open to experiences in criminalized and racialized territories. It is concluded that the daily experiences woven into literary text allow for

¹ Doutorando em Geografia na Universidade Estadual de Londrina - PR, d.vitto@uel.br;

² Mestranda em Geografia na Universidade do Estado da Bahia - BA, crispy.geo@gmail.com;

³ Doutora em Geografia pela Universidade Estadual de Campinas - SP, jaslima@unecb.br.

Trabalho realizado com apoio financeiro da CAPES.



shocks in the geographical practice based on the reproduction of inequalities arising from the colonization process, printed in the urban landscapes of large cities and in the bodies-houses made vulnerable by the rubble the civilizing-urbanizing process.

Keywords: Territoriality. Place. Racism. Colonization. Experience.

INTRODUÇÃO

Ser negro é ser violentado de forma constante, contínua e cruel, sem pausa ou repouso, por uma dupla injunção: a de encarnar o corpo e os ideais de ego do sujeito branco e o recusar, negar e anular a presença do corpo negro (COSTA, 1986, p. 104).

A obra “Quarto de Despejo” de Carolina Maria de Jesus, escrita em 1955 e publicada em 1960, continua sendo referência na literatura brasileira. Um diário-romance carregado de experiências cotidianas na favela do Canindé, na cidade de São Paulo, atravessado por tensionamentos raciais, expressos em uma escrita singular, impregnada de desalento e tristeza.

Carolina de Jesus, preta e favelada, registra em seu diário suas experiências de sobrevivência e constrangimento ao se deparar com uma sociedade paulistana organizada pela e para a branquitude. A cada dia na favela ela se deparou com diferentes situações, como a violência entre os vizinhos, ausência de solidariedade entre as pessoas, precarização da alimentação, trabalhos exaustivamente árduos, desejos por melhores condições de vida, impressão de estar no inferno, descontentamento de ser catadora, alcoolismo, o odor do esgoto, lixo e fome. Situações opostas a experienciada pela branquitude, comparada ao jardim e sala de visitas.

Os elementos, registrados em “Quarto de despejo”, constituem a realidade de inúmeras cidades brasileiras, evidenciando a importância de tecer reflexões acerca da territorialidade negra. Destarte, por meio da leitura geográfica desta obra, o nosso objetivo é problematizar as territorialidades do racismo, em sua constituição fenomênica, compreendendo a tessitura narrativa na clivagem criativa do mundo.

O desvelamento do mundo a partir da experiência corporal permite compreender a relação estabelecida entre Carolina de Jesus e a favela do Canindé, bem como pensar o significado da sua experiência geográfica com o lugar, em que aparecem territorialidades permeadas por aspectos de inclusão/exclusão, que parte da ideia de lugar exclusivista, pois raça, renda, crença política, gênero, dentre outros, são expressivos fatores de exclusão para os não pertencentes a um determinado grupo, ao tempo que, por haver pessoas em condições similares de renda e raça, Carolina de Jesus apenas poderia ver-se em estado de exclusão.



Intencionalmente, se configuram fronteiras simbólicas entre a favela do Canindé não asfaltada e as demais áreas asfaltadas de São Paulo, que se materializam com a hegemonia espacial evidente na priorização de um território e esquecimento do outro pelas políticas públicas do Estado. Com isso, relega-se ao povo da favela, majoritariamente negro, contextos de desigualdades sociais e a reprodução de sumárias e diversificadas formas de violência aos seus corpos negros.

A favela do Canindé surge indesejada em um terreno do Estado sem permissão, sob constantes boatos de despejo (JESUS, 2014). Deste modo, a obra permite compreender que o poder público possui papel significativo na hierarquização de espaços pela sua capacidade de controle e transformação a partir do planejamento e melhorias de áreas urbanas.

Para atingir o objetivo proposto, adotou-se como caminho metodológico a análise da obra “Quarto de despejo” ancorada em um aporte teórico fenomenológico dirigido à experiência geográfica de Carolina de Jesus, e a constituição de territorialidades permeadas pelo racismo.

A leitura foi construída pela territorialidade, no contexto dos debates em torno da colonização e do racismo, expressos pelo lugar e pela experiência, dialogando com Holzer (2014b), que busca entender a territorialidade como constitutiva do território ao englobar lugares e itinerários; Gonzales e Hasenbalg (1982), que analisam o lugar do negro na compreensão do racismo; Fanon (1968; 2008), Nascimento (1978) e Césaire (1978), importantes para refletir sobre os impactos do colonialismo nas experiências do negro; Ferdinand (2022) ao refletir como o habitar colonial ecoa na atualidade; e Tuan (1978) e Marandola Jr. (2010) ao pensarem a relação entre Geografia, literatura e lugar.

GEOGRAFIA E LITERATURA: APROXIMAÇÕES

A geografia, frequentemente, vale-se da literatura para intermediar a leitura de territórios e das experiências humanas sobre a Terra (JACINTO, 2015). A análise geográfica pode ter o texto literário como fonte (TUAN, 1978). Entretanto, Marandola Jr. e Oliveira (2009) apontam que ainda é necessária a aproximação entre Ciência e Arte, voltando a atenção da Geografia em direção à Arte e promovendo um olhar da Arte para a Geografia, considerando as texturas, as cores e os sabores culturais e geográficos das geografias literárias e das literaturas geográficas realistas, subjetivas e vividas.



De acordo com Portugal (2020), a arte e a ciência não precisam caminhar dicotomizadas, pois o texto pode ser analisado para além da escrita literária, considerando o contexto histórico, social, econômico, cultural e os conceitos geográficos

No diário, Jesus (2014) expressa suas experiências cotidianas, a sobrevivência diária, a incerteza de saber se teria comida na mesa, acordaria bem disposta, choveria, conseguiria encontrar papelão e ferro para vender, e o que viria em seu encontro ao caminhar. Os instantes incertos de Jesus (2014), registrados em seu diário, aproximam-se da análise de Marandola Jr. (2010) acerca da crônica enquanto instante possível do fenômeno, o vivido agora, o tempo e espaço como instante aqui.

As experiências de Jesus (2014) na favela do Canindé eram expressas em suas vestimentas maltrapilhas, boca com dentes faltando, pela fome e pés perfurados por andar descalça. Por onde caminhava, sabiam que Jesus (2014) era da favela. O abandono da favela atravessava seu corpo, a ausência de cuidado diante da impossibilidade de promover o cuidado. De acordo com Marandola Jr. (2010), o espaço aparece na identidade e corporeidade das pessoas, carregando-o em seu ser.

O diário de Jesus (2014) é embasado no cotidiano, naquilo que está diariamente diante de nós. Marandola Jr. (2010) argumenta que o cotidiano é desprezado pela ciência com seu conhecimento metódico. O diário “Quarto de Despejo” segue o movimento do tempo, existência e experiências, é escrito aos poucos, não há divisão em começo, meio e fim. Assim como a crônica e a cidade são tecidas aos poucos, inacabadas e em conjunto, se reinventam e reelaboram constituindo nossa existência (MARANDOLA JR., 2010).

A escrita de Jesus (2014) permite diálogo com os argumentos de Portugal (2020) acerca da escrita memorialista. Para Portugal (2020), a escrita memorialista narra sua própria história, vivências, experiências, trajetórias e itinerários, lugares de narração e elementos identitários da escritora-narradora, que desvelam espaços, paisagens, movimentos e identidades. Esta reflexão que a escritora-narradora promove suas experiências cotidianas com e nos lugares em sua existência, Portugal (2020, p. 35) nomeia de geo(BIO)grafização “o modo singular e particular de historicizar as experiências e vivências pessoais, formativas e profissionais, a partir da apropriação dos lugares onde a vida e as histórias são narradas”.

Na obra “Quarto de Despejo” há o encontro e coexistência de experiências, existências e lugares atravessados pela territorialidade e o racismo.

A TERRITORIALIDADE E O RACISMO NA OBRA “QUARTO DE DESPEJO”



O diário de Jesus (2014), originalmente escrito em vinte cadernos, expressa a perspectiva de uma mulher negra, catadora de papel, semianalfabeta e que vive na favela enfrentando a violência, a fome e a miséria. Encontrou na escrita de si um meio para, segundo ela, não xingar ou pensar na morte.

“Quarto de Despejo” gerou polêmica por ser um diário, autobiografia, conter poesia com rima, estilo clássico da academia e discurso direto contendo oralidade dos personagens da favela (NOGUEIRA, 2017). A gramática original do diário foge do padrão da norma culta da língua portuguesa ao expressar a perspectiva de quem está dentro da favela com baixo acesso à educação, diferente da narrativa contada pela classe dominante que está fora da favela (NOGUEIRA, 2017). Nogueira (2017) escreve que Jesus (2014), ao mesclar estilos formais e informais, usa o discurso para ascender socialmente e causar transformação social na sociedade. Desse modo, Sousa (2012, p. 133) aponta que a identidade de Carolina de Jesus reside nessa contradição e defende preservar os “erros” gramaticais, pois corrigi-los é “retirar da obra um de seus elementos constitutivos, dissolver a tensão entre leitor e texto”.

A obra de Carolina de Jesus permite centrarmos as problematizações em dois elementos: territorialidade e racismo.

a) A territorialidade

Pensar a territorialidade implica a existência de territórios forjados a partir de relações cotidianas e identitárias, que estabelecem fronteiras nem sempre físicas, podendo se estabelecer de formas sutis (às vezes nem tanto), como a partir das diferenças de classe social ou étnico-culturais que define e separa o espaço de direito a cada grupo.

As características apresentadas por Jesus (2014) na obra “Quarto de despejo”, descrevem a existência de fronteiras simbólicas construídas entre a favela do Canindé não asfaltada e o asfalto como resultado da ausência de políticas públicas, definindo conforme Sack (2011), formas de controle e separação.

Sack (2011, p.76) define territorialidade como “a tentativa, por indivíduo ou grupo, de afetar, influenciar, ou controlar pessoas, fenômenos e relações, ao delimitar e assegurar seu controle sobre certa área geográfica”. O Estado atua, nesse caso, como agente capaz de construir territorialidades, a partir da delimitação simbólica de inclusão ou exclusão das áreas da cidade, classificando e categorizando quem pertence ou não, quem pode ou não habitar ou usufruir de determinados espaços ou dos benefícios de infraestrutura urbana proporcionados pelo poder público para o pleno exercício da cidadania. Jesus (2014) se refere ao Estado como poder público, ao governo.



Jesus (2014) apresenta a territorialidade do racismo ao englobar simultaneamente itinerários, relações sociais e culturais que os grupos mantêm com os lugares. A favela do Canindé, na cidade de São Paulo, extinta em 1961, estava localizada na margem do rio Tietê onde jogam lixo, permeada pelo odor, desemprego e pobreza. O Canindé estava dentro da cidade de São Paulo, mas Jesus (2014, p. 37) considerava estar fora: “Quando estou na cidade tenho a impressão que estou na sala de visita com seus lustres de cristais, seus tapetes de viludos, almofadas de sitim. E quando estou na favela tenho a impressão que sou um objeto fora de uso, digno de estar num quarto de despejo”. Desumanizada, inútil, escondida, fora da civilidade da cidade, não pertencente, excluída.

Para Jesus (2014), São Paulo era como uma rainha com coroa de ouro e roupas de seda, enquanto a favela era a calça meia de algodão, pois Canindé estava localizada na cidade de São Paulo, mas não incluída. No Canindé viviam os pobres considerados marginais, mendigos e os homens desempregados eram considerados corvos. Os vizinhos de alvenaria, isto é, casas feitas de tijolos, olhavam os favelados com repugnância. Fechavam as portas e as janelas, não queriam a favela e a pobreza. Desejavam que a enchente arrastasse-os e quando os favelados batiam em suas portas pedindo alimentos, às vezes, davam-lhes ratos mortos.

Jesus (2014) caminhava diariamente para comprar banana, catar ferro, comida e papel, ir ao frigorífico, à fábrica de tomate, buscar madeira, pegar dinheiro das latas na rua, utilizar o táxi até o largo do Arouche ou o prédio da Academia Paulista de Letras Jesus. Nessas caminhadas, descalça, às vezes perfurava seu pé com espinhos e no fluxo diário identificava homens carimbados com letreiros nas costas dizendo onde é empregado.

Os dias chuvosos eram como pedras na vida de Jesus (2014), pois não podia sair para catar papel e ficava louca ao saber que não teria dinheiro para alimentar os filhos. Até os papéis recolhidos pelos catadores de papel começaram a ser dominados pelos coletores, ou seja, profissionais que recolhem o lixo das residências e colocam no caminhão de coleta, não deixando o suficiente para Jesus (2014).

Apesar de contraditório, o estereótipo do favelado como ladrão, violento e temido também é utilizado pelos habitantes do Canindé contra habitantes de fora da favela como forma de autodefesa contra insultos e ameaças (JESUS, 2014). Entre os vizinhos do Canindé, também havia estranhamentos quando mexiam com os filhos de Jesus ou mesmo sabendo que ela estava doente não prestavam-lhe nenhum favor. O estranhamento com os vizinhos pernambucanos, chamados de nortistas e conhecidos pelas brigas e gritarias no Canindé, mobilizou Jesus (2014) a solicitar ajuda de outros vizinhos para cercar o seu quintal e impedir a entrada dos nortistas.



Ao final do dia, Jesus (2014) retornava para sua casa, entretanto, não sentia aconchego. Mulher, preta, favelada, com filhos, não se considerava habitante da cidade e estava desgostosa em habitar a favela, como escreve “Cheguei na favela: eu não acho jeito de dizer cheguei em casa. A casa é casa. Barracão é barracão” (JESUS, 2014, p. 47). Tinha apenas o domingo para limpar o barraco e seu quintal, e nos demais dias da semana estava cheio de lixo e fedendo. Jesus (2014) escreve que o povo brasileiro só é feliz quando está dormindo e muitas vezes ela não conseguia dormir com o barulho da tosse de sua filha, provocada pela umidade dos barracos da favela. Quando chove começam as goteiras sobre sua cama e inundam o quintal. A água buscada diariamente para manutenção biológica de seu corpo é a mesma que atormenta sua existência nos dias chuvosos, invadindo sua cama e quintal.

Se não é a cidade de São Paulo, a favela do Canindé, o quintal e nem o barraco, qual é a casa da Carolina Maria de Jesus? “Não sei dormir sem ler” (JESUS, 2014, p. 24). O diário era sua casa, seu lugar, repouso de sua subjetividade. Estas considerações permitem dialogar com Dardel (2011, p. 40) ao argumentar o lugar como suporte de Ser e refúgio onde nos abandonamos, deitamos e repousamos nossa subjetividade “É desse lugar, base de nossa existência, tomamos consciência do mundo e saímos ao seu encontro, audacioso, circunspectos, para trabalhá-lo”.

O diário de Carolina Maria de Jesus era seu lugar, aconchego, onde refugiava-se, repousava sua subjetividade, base de sua existência, consciência do mundo e saída ao seu encontro atravessado de possibilidades e angústias em cada caminhada diária, sem segurança de como será o dia seguinte. Deste modo, o diário apresenta também o descontentamento com a cotidianidade da favela do Canindé, que representa uma realidade, da qual Carolina de Jesus não se sente pertencente.

Seu alívio também era encontrado nos raros dias que tinha alimentos suficientes para sua refeição “Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém” (JESUS, 2014, p. 49), o sorriso surge em seu rosto. Ser alguém para Carolina Maria de Jesus era acessar os alimentos que estavam distantes dos favelados, pois os preços impediam o acesso. A fome e a favela a aterrorizavam, atravessavam seu cotidiano com incertezas, fazendo-a escrever “A favela é uma cidade esquisita e o prefeito daqui é o Diabo” (JESUS, 2014, p. 91), de onde almejava sair ou suicidar-se. O pavor estava estampado no rosto dos favelados, não gostavam da favela, mas precisavam dela. Na favela não tinha sossego. As pessoas falavam alto, no sol sentia calor e na sombra sentia frio.



Seu sonho era ter uma casa residível (JESUS, 2014) com todos os cômodos, presentear sua filha nas festas de aniversário, “andar limpinha”, usar roupas de alto preço, ter um almoço farto. Entretanto, se deparava com uma realidade amarga, sem dinheiro, na lama e na margem do rio. As pessoas de fora comparavam o Canindé com o chiqueiro. A casa da Carolina de Jesus, apesar de não ser considerada aconchego, era um centro de proteção contra a violência das ruas, com os vizinhos brigando e implicando com os seus filhos, perturbando sua escassa tranquilidade interior. Viver na favela era estar no inferno. A cidade de São Paulo era classificada por Jesus (2014, p. 32) como “‘O Palácio’, é a sala de visita. A Prefeitura é a sala de jantar e a cidade é o jardim. E a favela é o quintal onde jogam os lixos”.

Holzer (2014) considera que lugar, assim como território e mundo, expressa a solidez da matéria que nos dá apoio e delimita nosso modo de ser-no-mundo, a partir da individualidade existencial do ser para constituir o espaço vivido. Esse ser-no-mundo se estabelece por meio do conhecimento e de vivências individuais que têm como base a experiência geográfica cotidiana e corporalmente vivida. No território, há a existência de microterritorialidades que, conforme Haesbaert (2009), estão associadas às relações de poder e vivências a partir do lugar, se realizando de forma material e simbólica.

Jesus (2014) frequentemente se refere ao governo da época como aquele que nada faz para melhorar a condição de vida das pessoas, o que a obriga a ultrapassar a contenção materializada no território, indo da favela para o “asfalto”, como ela se refere, a fim de conseguir meios de sobrevivência, exercendo a função de catadora de materiais recicláveis.

Mudam os políticos e partidos, mas a favela continuava sendo o quarto de despejo que as autoridades ignoram, não desejam e nem criam projetos para beneficiar os favelados. Assim como a favela, a fome persistia, pois os governantes só apareciam na favela em época eleitoral, não sabem o que é a fome do pobre que sofre com a desnutrição (JESUS, 2014). Os políticos estavam distantes do povo, a autoridade policial aparecia apenas para devolver os negros que vagavam pelos espaços públicos da região central, como a Estação da Luz, identificados facilmente pelas vestimentas velhas e sujas. Segundo Jesus (2014), o departamento de saúde sabia dos casos de doença do caramujo no Canindé, mas não deu remédio aos habitantes. A posição política por meio da força policial e saúde pública era de contenção e extermínio dos favelados e negros. A favela do Canindé surge indesejada em um terreno do Estado sem permissão, sob constantes boatos de despejo (JESUS, 2014). Deste modo, a obra permite compreender que o poder público possui papel significativo na hierarquização de espaços pela sua capacidade de controle e transformação a partir do planejamento e melhorias de áreas urbanas.



A relação com o governo, lembra Haesbaert (2009) ao escrever que existem estratégias de contenção territorial que se materializam com a construção de muros, condomínios, etc., na intenção de afastar o indesejável. No caso da literatura em questão, esta contenção territorial é expressa por meio da pobreza e miséria, também evidente nas políticas de governo com a precarização das políticas de bem estar social e manutenção das diferenças que se manifestam nas desigualdades sociais e espaciais.

b) O racismo

As experiências diárias de Carolina de Jesus na favela do Canindé e cidade de São Paulo despertam no leitor indignação e questionamento se a abolição da escravidão trouxe libertação da estrutura colonial.

Quando eu vou na cidade tenho a impressão que estou no paraíso. Acho sublime ver aquelas mulheres e crianças tão bem vestidas. Tão diferentes da favela. As casas com seus vasos de flores e cores variadas. Aquelas paisagens há de encantar os olhos dos visitantes de São Paulo, que ignoram que na cidade mais afamada da América do Sul está enferma. Com sua úlceras. As favelas (JESUS, 2014, p. 85).

Essa indagação permite dialogar com Fanon (1968) ao escrever que o mundo colonial é dividido entre o mundo do colono e o mundo do colonizado.

Segundo Fanon (1968), a cidade e o mundo do colono são iluminados, asfaltados, pés nunca mostrados, limpos, sem buracos e repletos de pessoas brancas. As pessoas são ricas porque são brancas. A cidade do colono limita o espaço do colonizado por meio da exploração, domesticação, inferiorização, violência, barreiras e proibições. Torna impossível o sonho de liberdade do colonizado.

Em oposição, a cidade do colonizado é habitada predominantemente pela população negra. De acordo com Fanon (1968), por ser negra é mal alfadada, condenada à fome de pão, de carne, de sapato, de luz. Não importa onde nascem, por serem negros, estão condenados pelo colono a inferioridade. São oprimidos, espoliados e condenados à imobilidade. Segundo Fanon (2008), o mundo colonizado tem cor, é negro, não é branco, e por isso recebe imposições, confinado, encolhido. empurrado para a negação, incerteza e chicoteamentos. É associado com um animal, o malvado, o ruim e o feio.

Jesus (2014) compreendia as casas da favela como barracos, não casas. Esta distinção permite dialogar com o habitar colonial, destacado por Ferdinand (2022), em que os colonizadores se consideravam habitantes e os negros escravizados como não habitantes. O



habitar colonial refere-se à singular existência de certos humanos sobre a terra na relação com os outros, os não colonizadores (FERDINAND, 2022). No habitar colonial o habitante é o senhor; os escravizados são os negros, que não habitam, não possuem direito de ter casas, apenas barracos.

O colonialismo devasta, incendeia, destrói casas e árvores, desumaniza, conquista, despreza os indígenas e negros, vê o outro como animal, usa a violência, preconceitos (CÉSAIRE, 1978). Na relação entre colonizadores e colonizados não há contato, há choque, força, crueldade e sadismo por meio do trabalho forçado, intimidação, policiamento, violações e desconfianças contra os povos colonizados, transformando-os em coisas (CÉSAIRE, 1978).

Os sintomas da colonização persistem sobre os colonizados por meio de sociedades esvaziadas de si próprias, instituições minadas, terras coisificadas, religiões banidas, expressões artísticas aniquiladas, possibilidades suprimidas, destruição das culturas de subsistência, instalação da subalimentação, complexo de inferioridade e servilismo (CÉSAIRE, 1978).

O colonialismo não permite ao colonizado ser diferente de um eu colonizador. Há imposições da religião, língua e vestimenta, como as registradas no diário de Jesus (2014) ao escrever que os favelados eram facilmente identificados por estarem maltrapilhos e seu próprio diário encontrar resistência ao estar escrito fora dos padrões da língua portuguesa. A colonização nega o outro, busca o mesmo enquanto espelho do colonizador, torna o “habitar colonial um habitar-sem-o-outro” (FERDINAND, 2022, p. 51).

O habitar-sem-o-outro pensado por Ferdinand (2022) abre inúmeras possibilidades de exclusões, como por exemplo, o genocídio exercido pela colonização por meio de diferentes instrumentos. Etimologicamente, geno deriva do grego “genus”, raça, e cídio, do latim “caedere”, matar, desse modo, genocídio está ligado à aniquilação total. O genocídio recusa e elimina a existência de outros grupos por meio da destruição biológica, material, educacional, linguística, religiosa, econômica e geográfica.

Se neste habitar-sem-o outro for questionado onde está o outro, está no Canindé, nas favelas, nos fundos de vale, nos morros, nas periferias pobres, ruas e viadutos, estão nas margens, sendo afastados por aqueles que exercem o poder. O habitar colonial ecoa no século XXI apagando o outro que é diferente, não considerado habitante (FERDINAND, 2022).

Após a abolição e desmanche do mundo colonial, não houve passagem entre a cidade do colono e a cidade do colonizado. Há o choque por meio da violência, gestos, olhares e atitudes. As duas zonas não se complementam, mas se excluem reciprocamente (FANON, 1968). O racismo é expressão desse choque, rejeição imposta pela branquitude sobre o negro,



negando total ou parcialmente sua humanidade (GONZALES, HASENBALG, 1982). O racismo enquanto herança do passado escravista que atinge a carne e nega a possibilidade de ser homem, digno e civilizado (FANON, 2008; GONZALES, HASENBALG, 1982). O negro continua desfavorecido quando o assunto é distribuição geográfica, oportunidades econômicas, analfabetismo e estereótipo (GONZALES, HASENBALG, 1982).

Almeida (2021) fala do racismo estrutural como elemento que permeia toda a base da organização econômica e política da sociedade. Alerta para a normalização do racismo como patologia que molda a vida social, estabelecendo diversas formas de violência e desigualdades sociais. Deste modo, Almeida (2021) parte da ideia de que o racismo faz parte de uma construção histórica, mas que foi intencionalmente mantido, a partir da imposição de regras e padrões estabelecidos por instituições que visam manter uma estrutura e ordem social que tem o racismo como um de seus principais componentes.

O negro no Brasil é definido por sua marca ou sua raça e/ou etnia. O negro também é chamado de preto, pardo, moreno, mulato, crioulo, mestiço, mas o fato é que se trata de um homem-de-cor (NASCIMENTO, 1978). Segundo Almeida (2021, p. 24), a noção de raça sempre esteve relacionada à ideia de classificação, no entanto, o sentido moderno de categorizar o ser humano possui um contexto histórico, pois deu-se a partir de meados do século XVI com a expansão econômica e mercantilista dos processos de colonização do chamado mundo novo.

Jesus (2014) em seu diário reproduz a associação feita a palavra negro e/ou preto como algo pejorativo “A minha vida, até aqui, tem sido preta. Preta é a minha pele. Preto é o lugar onde moro”. No Brasil, o preto é associado ao luto, mancha, credor, sombrio, sinistro, mau, perverso, hostil, difamar, isto é, um conjunto violento de conotações pejorativas (NASCIMENTO, 1978). Ferdinand (2022) amplia o entendimento do termo negro não restringindo-o a cor da pele, fenótipo, origem étnica ou geografia particular, mas designa todos aqueles que estiveram e estão no porão do mundo moderno, os fora-do-mundo, com suas sobrevivências atingidas pela exclusão do mundo, reduzidas a um valor energético.

Apesar de usar a palavra preto para referir-se a algo negativo, segundo Jesus (2014) apesar dos brancos dizerem que são superiores, a natureza e Deus não os distinguem dos pretos, pois ambos fazem as mesmas coisas, como beber, sentir fome e ficar enfermo. Entretanto, são os brancos que estão no poder dos meios de comunicação, educação, produção de conhecimento, armamentos e valores.

O racismo dos brancos sobre os negros e negras ainda persiste, de acordo com Jesus (2014, p.93) “Mas eu não gosto de negociar com portugueses. Eles não tem educação. São



obscenos, pornográficos e estúpidos. Quando procura uma preta é pensando em explorá-lá. Eles pensam que são mais inteligentes que os outros”. A escravidão com o sistema de plantation transformou os úteros das mulheres pretas em porões negreiros, vítimas de abuso sexual (FERDINAND, 2022). A mulher negra paga o preço da família patriarcal desde a escravidão, atravessada pela pobreza e ausência de status social, no passado e no presente continuam vítimas de estupro e agressão sexual (NASCIMENTO, 1978).

No diário de Jesus (2014), os favelados eram marcados por suas vestimentas sujas ou descanso, semelhante aos mendigos ou aos escravos. Entretanto, as elites também precisavam dos serviços de alguns favelados, como do senhor Manoel que habitava o Canindé há 9 anos e trabalhava para o Conde Francisco Matarazzo, um dos pioneiros da industrialização e complexos fabris em São Paulo. Como escrito por Jesus (2014, p. 115), “O Brasil é predominado pelos brancos. Em muitas coisas eles precisam dos pretos e os pretos precisam deles”. Situação semelhante à época da escravidão em que os escravos apesar de indesejados eram vistos apenas para servir aos colonos. No habitar colonial havia a subordinação de um lugar ao outro para produzir e fornecer mercadorias (FERDINAND, 2022).

A favela do Canindé ainda existe enquanto sintoma do racismo imposto por uma elite branca, que se posiciona como centro e reproduz o colonialismo, isto é, mantém o negro em determinadas áreas da cidade, periféricas e inferiorizadas, desvalorizando as pessoas e lugares que não refletem os ideais da branquitude. Favela banalizada. Carolina de Jesus, em suas caminhadas diárias, era atravessada por fechamentos e aberturas sintomáticas do racismo em sua dimensão física, econômica, social e subjetiva.

O diário “Quarto de Despejo” é expressão visceral das experiências de Jesus (2014) contra o mito da democracia racial que no Brasil pretos e brancos convivem harmoniosamente com iguais oportunidades de existência independentes de suas origens raciais ou étnicas (NASCIMENTO, 1978). Em Quarto de Despejo é apresentado o submundo que os favelados, predominantemente negros, viviam, na humilhação, nas margens dos rios com a água poluída e moradias inundadas. A territorialidade e o racismo são experienciados pelo corpo de Carolina Maria de Jesus. Como argumenta Ferdinand (2022), os vestígios do habitar colonial ecoam e os negros continuam considerados fora-do-solo, não habitam, ainda não estão exterminados, resistem e deixam vestígios no mundo. Jesus (2014) estava fora-do-solo ao não sentir-se pertencente à cidade de São Paulo e ao Canindé, todavia, resistia por meio de sua escrita, onde era seu lugar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Quarto de despejo” expressa a territorialidade do racismo experienciada por Carolina de Jesus enquanto expressão da colonização, pois o racismo persiste: nem todos vivem dignamente ou possuem meios para participação nas tomadas de decisão na cidade, precisando reafirmar diariamente sua existência frente às tentativas de invisibilização (FANON, 1968).

O racismo permeia tanto as relações sociais estabelecidas entre a favela do Canindé e outras partes da cidade, como também estruturalmente e institucionalmente, uma vez que a institucionalização do racismo se dá pela manutenção da ordem social vigente e a ausência de políticas públicas e sociais que melhorem a qualidade de vida da população daquele lugar, que na visão de Carolina de Jesus se equipara a um quarto de despejo.

As localizações distantes e indesejadas para dificultar os deslocamentos até os centros de decisões políticas, falta de oportunidades de emprego, alcoolismo, fome e violência, expressam a territorialidade do racismo no espaço urbano. No tensionamento com a branquitude, a população negra é continuamente exterminada.

No Canindé, é possível pensar a microterritorialidade das relações de poder. Para além disso, essa territorialidade se constitui na favela como espaço de marginalidade social que se afasta do “asfalto”, restrição da liberdade e espaço por meio da violência presente no racismo imposto que condena os corpos negros às favelas, às margens.

Os negros são inferiorizados, mas não são convencidos de sua inferiorização (FANON, 2008). Jesus (2014), por meio de sua escrita, reflete seu nível de acesso à educação, expressa suas tristezas cotidianas e reafirma sua existência. A crítica destilada pela elite letrada branca ao duvidar da autoria do diário implica a tentativa de branquear a escrita de Carolina de Jesus, de igualar ela a eles e apagar sua singularidade. Consciente das amarras que a aprisionavam, encontrou na escrita a ação para promover a mudança sua e de seus filhos. Jesus (2014) se mudou de casa, saiu da favela mas, infelizmente não conseguiu se blindar do racismo promovido pelos outros.

A obra “Quarto de despejo” é atravessada por uma essência exclusivista evidente na relação entre o asfalto⁴ e a favela do Canindé, visto que, aspectos como raça e renda demonstram a separação de grupos sociais dentro de uma mesma urbanidade. A geograficidade do lugar como tradução da essência geográfica de ser-e-estar-no-mundo

⁴ Termo usado na obra Quarto de despejo para se referir aos bairros da cidade com características urbanas diferentes da favela e mais assistidos pelo poder público (bairros ricos).



(DARDEL, 2011) pode ser encontrada tanto na obra em análise, quanto na realidade contemporânea das cidades brasileiras, especialmente, nos grandes centros urbanos.

Ao considerar o diário como lugar e repouso de sua subjetividade, Jesus (2014) possibilita refletir sobre a concepção de casa não restrita à materialidade, mas considerando a subjetividade. A casa não é apenas estática, mas também como movimento do pensamento e experiências expressas na escrita.

Como na colonização, a população negra continua fora-do-lugar, com territórios negados, entretanto, continua r-existindo no século XXI, possibilitando indagar como são as geografias experiências corporalmente por outras Carolinas e Canindés presentes no Brasil. A obra “Quarto de Despejo” permite vislumbrar um fazer científico aberto para as experiências junto aos territórios criminalizados e racializados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. L. **Racismo estrutural**. São Paulo: Editora Jandaíra, 2021.

CÉSAIRE, A. **Discurso sobre o colonialismo**. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

COSTA, J. F. **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DARDEL, É. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. (Trad. Werther Holzer) São Paulo: Perspectiva, 2011.

FANON, F. **Os condenados da terra**. Tradução de José Laurênio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FANON, F. **Pele negra máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

FERDINAND, M. **Uma ecologia decolonial: pensar a partir do mundo caribenho**. Trad. Letícia Mei. São Paulo: Ubu, 2022.

GONZALEZ, L.; HASENBALG, C. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, p. 09-66, 1982.

HAESBAERTH, R. Dilema de conceitos: espaço-território e contenção territorial. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério (orgs.). **Território e territorialidades: teorias, processos e conflitos**. - 1.ed. - São Paulo: Expressão popular: UNESP. Programa de pós graduação em geografia, 2009.

HOLZER, W. Mundo e lugar: ensaio de Geografia fenomenológica. In. MARANDOLA JR., Eduardo. HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia** - São Paulo: Perspectiva, 2014a.



HOLZER, W. Território e Territorialidade: perspectivas fenomenológicas. In: SEMINÁRIO NACIONAL SOBRE GEOGRAFIA E FENOMENOLOGIA, 5., 2014b, Ilhéus. p. 1-12.

JACINTO, R. (D)Escrever a terra: geografia, literatura, viagem. A geografia de Portugal segundo José Saramago. **GEOgraphia**, Ano. 17, Nº33. 2015.

JESUS, C. M. **Quarto de despejo**: Diário de uma favelada. 10 ed. São Paulo: Editora Ática, 2014

MARANDOLA JR., E. Tempo e espaço cotidiano - crônicas de um tecido inacabado. In. MARANDOLA JR., Eduardo. GRATÃO, Lúcia Helena Batista. **Geografia e Literatura**. Londrina: EDUEL, 2010.

MARANDOLA JR., E; OLIVEIRA, L. Geograficidade e espacialidade na Literatura. **Geografia (Rio Claro. Impresso)**, v. 34, n., p. 487-508, 2009.

NASCIMENTO, A. **O genocídio do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra S/A, 1978.

NOGUEIRA, A. P. C. Revisar ou não a obra Quarto de Despejo: o diário de uma favelada? 2017. 22 fls. **Artigo (Especialização em revisão de textos)** - Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017.

PORTUGAL, J. F. As pequenas memórias dos lugares e seu cotidiano: geografia, literatura e autobiografia. In. PORTUGAL, J. F. **Geografias literárias: escritos, diálogos e narrativas**. Salvador: EDUFBA, 2020.

RELPH, E. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In. MARANDOLA JR., Eduardo. HOLZER, Werther. OLIVEIRA, Livia de. **Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia, fenomenologia**. - São Paulo: Perspectiva, 2014.

SACK, R. D.. O significado de territorialidade. In. DIAS, Leila Christina; FERRARI, Maristela (orgs). **Territorialidades humanas e redes sociais**. - Florianópolis: Insular, 2011.

SOUSA, G. H. P. Carolina Maria de Jesus: o estranho diário da escritora vira-lata. 2004. 262 fls. **Tese (Doutorado em Teoria Literária e Literaturas)** - Unidade de Brasília, Brasília, 2004.

TUAN, Y. Literature and Geography: implications for geographical research. In: LEY, David; SAMUELS, Marwyn S. (eds.) **Humanistic Geography: prospects and problems**. Chicago: Maaroufa Press, 1978. p.194-206.